

FUNDO PARCITAS HEDGE FIC FIM

desempenho
mensal

 MUNDO

O mês de outubro foi pautado por uma forte performance dos indicadores econômicos americanos, reduzindo ainda mais os receios de uma possível recessão iminente. Começamos o mês com o JOLTS e o ISM Manufacturing mostrando números fracos e abaixo do esperado, mas que foram completamente ofuscados pelo número extremamente forte de criação de vagas, medido pelo Payroll, divulgado logo em seguida. Tanto o Payroll quanto o Household Survey surpreenderam as expectativas, indicando um mercado de trabalho robusto em um momento em que quase todos já apostavam no início de uma recessão americana.

Além disso, o CPI deste mês foi substancialmente mais forte do que nos últimos meses, reforçando a visão de que o Fed ainda precisaria adotar uma postura cautelosa em sua trajetória de normalização da política monetária. Por fim, os dados de atividade também mostraram uma economia saudável, com taxa de crescimento em torno de 3,0% QoQ SAAR.

De forma geral, a resiliência dos dados econômicos, somada à proximidade das eleições americanas e ao aumento da probabilidade de uma vitória republicana, fizeram com que as expectativas de cortes de juros pelo Fed fossem rapidamente revistas, culminando em uma contínua elevação das taxas das Treasuries ao longo do mês de outubro e na valorização do dólar americano.

Para o próximo mês, teremos dois principais eventos logo nos primeiros dias. No dia 5 de novembro, ocorrem as eleições e o início das apurações dos resultados. Com a disputa ainda em aberto, embora com leve favoritismo para Trump nos mercados, todos estarão atentos não apenas ao anúncio do próximo presidente, mas também à composição do Congresso, fator tão ou mais importante. No dia 7 de novembro, teremos a reunião do FOMC, que deve cortar a taxa básica em 25 bps, desacelerando em relação ao início do ciclo, que começou com um corte de 50 bps na reunião de setembro.

Nesse contexto, temos trabalhado com menor exposição a risco. Ao longo do último mês, reduzimos as posições compradas em S&P 500 e estabelecemos taticamente uma posição tomada em juros nos EUA, que já foi parcialmente reduzida. Vamos acompanhar, além desses eventos importantes nos EUA, um possível pacote de estímulos na China, que já foi pré-anunciado, mas ainda sem detalhes, e os impactos do anúncio fiscal no Reino Unido realizado no final de outubro.



Em outubro, o mercado brasileiro foi influenciado por dois temas principais: (i) a dinâmica inflacionária e (ii) a perspectiva fiscal, com dúvidas sobre as despesas públicas. Ambos os fatores, aliados à instabilidade do cenário eleitoral americano, acabaram pressionando os ativos brasileiros, que apresentaram resultados negativos ao longo do mês.

A questão que tem nos preocupado há algum tempo é a dinâmica inflacionária, que continua surpreendendo para cima. Antes restrita ao atacado, agora há indícios de alta também no varejo. A forte elevação do preço do boi (+45% no atacado) já impacta os preços nas gôndolas, e o efeito da depreciação cambial acima de R\$5,60 começa a se espalhar em diversos itens do IPCA. A inflação subjacente, que girava em torno de 4%, agora está entre 4,2% e 4,5%, praticamente atingindo o teto da meta.

Embora a inflação de salários permaneça controlada, existe uma “sensação térmica” de inflação em torno de 6% no curto prazo, o que pode alterar essa dinâmica em um contexto de desemprego em níveis mínimos e elevado poder de barganha dos consumidores. Em nosso cenário base, sem contágio adicional, projetamos uma inflação de 4,3% para 2025, 30 bps acima do boletim Focus. No entanto, se o contágio se intensificar, um cenário com inflação de 4,6% ou mais se torna plausível.

Do ponto de vista fiscal, a estrutura permanece fragilizada. O mercado pressiona o governo a abordar questões estruturais, e há sinais de que o governo pretende garantir a estabilidade do arcabouço fiscal até o fim do mandato presidencial. A discussão central gira em torno da apresentação de um “Pacote do Haddad”, com expectativas de R\$30 bilhões em medidas. Com ações administrativas e a PEC da DRU, o impacto fiscal pode ser mais significativo em 2025-2026, possivelmente na ordem de R\$50 bilhões.

O governo mostra hesitação em alterar despesas obrigatórias, que representam 75% do total, restringindo a discussão a uma parte das despesas que inclui emendas parlamentares. Embora haja algum impulso fiscal positivo, os problemas estruturais persistem, e a política monetária deverá exercer um efeito decrescente sobre esse impulso fiscal.

Em relação à atividade econômica, observamos uma diminuição nas surpresas positivas quanto ao crescimento, refletindo o arrefecimento das transferências. A estimativa do PIB para o terceiro trimestre indica um crescimento de aproximadamente +0,2% a +0,3% em relação ao trimestre anterior, uma leve queda em comparação com a projeção anterior de +0,5%. Apesar desse recuo, a economia continua resiliente, operando acima do potencial, sem sinais de desaceleração acentuada ou aumento de ociosidade.

O mercado de trabalho permanece aquecido, com taxas de desemprego em mínimas históricas. Além disso, o crédito às famílias continua robusto, em níveis elevados e sem sinais de retração, indicando um balanço saudável, com inadimplência controlada e renda elevada. No entanto, percebemos uma desaceleração na renda ampliada, mais influenciada pelas transferências do que pela renda propriamente dita, o que resulta em um consumo mais fraco de bens não duráveis e semiduráveis. Embora o consumo geral permaneça alto, ele começa a dar sinais de desaceleração.

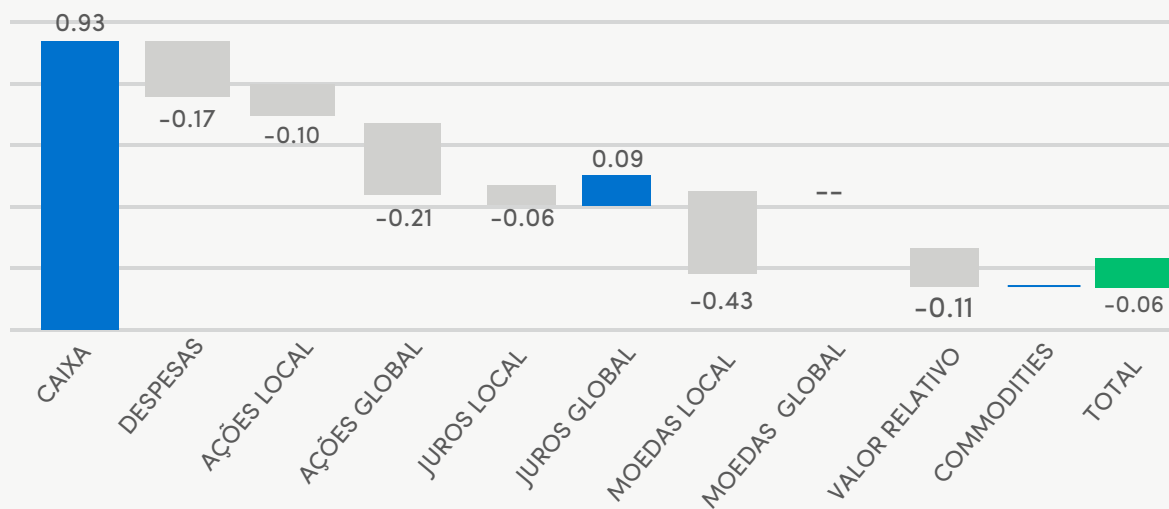
Por fim, sem reuniões do Copom em outubro, os diretores reforçaram seu compromisso com a meta de 3% para a inflação. A deterioração contínua das expectativas, juntamente com a resiliência da economia e a situação surpreendente do mercado de trabalho, levou à reavaliação do hiato do produto. Os modelos indicam que o BCB deve interromper o ciclo de cortes na taxa Selic em 12,50% ou mais. A melhor estratégia para o Copom é garantir que não haverá cortes enquanto a inflação atual e as expectativas não estiverem sob controle.

Em resumo, a inflação é uma preocupação crescente, e a situação fiscal exige atenção cuidadosa, enquanto a política monetária deve ser ajustada para responder a essas dinâmicas. Nesse contexto, mantemos posições relativas (vendidos na bolsa e comprados no real), uma posição direcional comprada em BRL e uma pequena posição tomada em juros.



ATRIBUIÇÃO DE PERFORMANCE

Parcitas Hedge FIC FIM - Outubro/2024

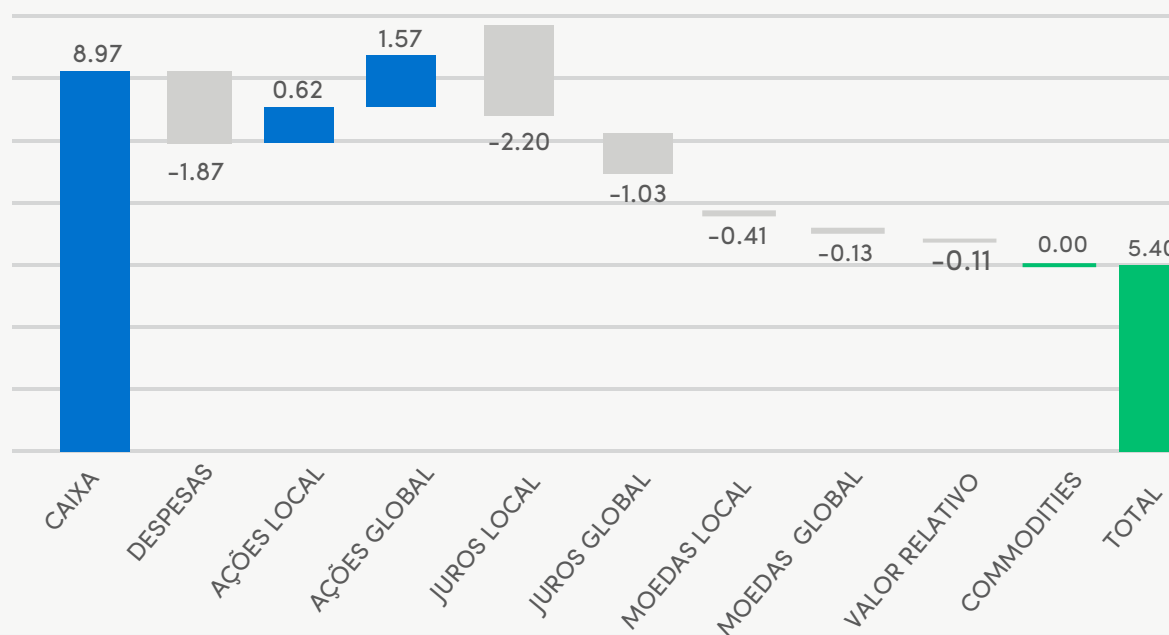


*Dados de 01/out/2024 até 31/out/2024



ATRIBUIÇÃO DE PERFORMANCE

Parcitas Hedge FIC FIM - Ano/2024*



*Dados de 01/jan/2024 até 31/out/2024

RETORNOS MENSAIS (%)

2024	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	ANO	INÍCIO
% CDI	0.37	-0.67	0.95	-1.72	0.83	1.11	0.96	2.16	1.40	-0.06	-	-	5.40	46.22
2023	38	-	114	-	98	141	105	249	168	-	-	-	60	81
% CDI	1.80	1.52	3.15	0.66	1.78	-2.05	0.89	-0.12	-2.26	-3.17	4.85	2.52	9.67	38.72
2022	161	165	268	72	159	-	83	-	-	-	529	281	74	87
% CDI	-1.17	0.69	4.51	-2.01	0.20	0.67	2.21	-0.37	1.44	-0.61	-4.50	0.23	1.02	26.49
2021	-	92	489	-	19	66	214	-	134	-	-	20	8	96
% CDI	-0.18	0.84	1.15	1.30	0.15	1.18	-0.83	0.28	-1.30	4.25	0.35	0.08	7.39	25.21
2020	-	625	580	625	56	386	-	65	-	885	60	11	168	185
% CDI	0.56	-2.11	-11.93	5.27	4.41	1.95	2.64	2.40	-2.44	-1.51	4.15	1.40	3.60	16.60
2019	3.01	-0.21	0.68	0.79	0.58	0.74	0.79	-0.20	1.67	1.28	-0.51	3.33	12.55	12.55
% CDI	582	-	146	152	106	158	140	-	360	266	-	884	211	211

PL: R\$ 585,4 milhões
PL: Patrimônio Líquido

PL médio (12 meses):
R\$ 566,7 milhões

OUTUBRO DE 2024
-0,06%
12 MESES
+12,12%
(111% DO CDI)
DESDE O INÍCIO*
+46,22%
(81% DO CDI)

*02/01/2019

Aviso: Leia o prospecto e o regulamento antes de investir. A rentabilidade passada não representa garantia de rentabilidade futura. A rentabilidade divulgada não é líquida de impostos. Fundos de investimento não contam com a garantia do Administrador, do Gestor, de qualquer mecanismo de seguro ou Fundo Garantidor de Crédito - FGC



+55 11 3192 9050
ri@parcitas.com.br



Acompanhe a Parcitas
nas redes sociais